

Ao Capelão Soren

(Discurso pronunciado pelo Pastor José dos Reis Pereira, em nome da Ordem dos Ministros Batistas do Brasil, na recepção ao Capelão João F. Soren, efetuada em 28-8-1945).

Incumbência difícil é esta que a Ordem dos Ministros Batistas do Brasil me entregou. Primeiramente devo substituir nesta alocução um dos mais completos e conhecidos oradores batistas, verdadeiro príncipe dos nossos púlpitos, o pastor Rubens Lopes, de São Paulo, orador oficial da Ordem e que, muito a contragosto, por absoluta impossibilidade, não pôde comparecer a esta cerimônia. Depois devo falar ainda sob o império da intensíssima emoção sentida naquela noite memorável do dia 23, quando nosso capelão apareceu de novo neste púlpito donde esteve quase um ano ausente. Eu estava no auditório naquela grande noite e quando ele surgiu, um colega me disse: "Temos diante de nós um herói!" Sim, um herói. E aí está minha terceira dificuldade: que palavras irei encontrar com que saúde um herói, palavras que sejam suficientemente sóbrias, seguras e significativas? Que palavras poderei encontrar para saudar um herói que nas suas lides mais do que nunca veio a compreender o quanto valem as palavras e como devem elas ser empregadas? Não soariam as minhas vazias, ocias, absolutamente destituídas de significação aos ouvidos de quem em momentos supremos soube empregar as palavras supremas e decisivas?

Corro, entretanto, confiadamente êstes riscos. Eu estava, como já disse, no meio daquela multidão que na noite de 23 veio trazer as boas vindas ao capelão que regressava à sua pátria e à sua igreja. Eu fui um daqueles três mil que, ao aparecer ele na plataforma, nesta plataforma, se ergueram unânimes como que movidos por mola misteriosa, eletrizados pela comungão e que não tendo outro recurso com que manifestar seus sentimentos romperam numa estupenda salva de palmas. Ah, aquelas palmas noutras circunstâncias e inspiradas por outros motivos, seriam uma profanação neste templo. Mas naquela noite, permiti-me dizê-lo, elas tinham qualquer coisa de sagrado e de respeitável: foram elas o meio de que se valeu o povo para expressar sua alegria, suas ações de graças, sua admiração pelo herói que voltava coberto de glória e que em 11 meses de campanha não deixou um só dia de honrar o evangelho e o povo que o enviou. Aquelas palmas eram entusiasmo, eram vibração, mas eram também um hino e uma prece. Um hino de alegria e triunfo, uma prece de gratidão. Que as perdoe e desculpe o capelão, caso não possa desculpá-las o pastor.

Como saí do meio daquela multidão vibrante e ansiosa parece-me menos difícil minha missão. Penso que me basta abrir o coração e deixar que dele brotem as palavras que todos aqui poderiam dizer: espontâneas, singelas, simples, de um coração para outro coração.

A Ordem dos Ministros Batistas do Brasil sente-se orgulhosa do capelão que um dia resolveu recomendar ao governo brasileiro para acompanhar nossos bravos expedicionários que nos campos de luta mais uma vez comprovaram a fibra lendária do soldado brasileiro, escrevendo com seu sangue generoso, páginas imortais de heroísmo e de abnegação. Que nosso capelão correspondeu a tudo quanto dele se esperava dizendo muito bem as condecorações que lhe foram outorgadas e sua brilliantíssi-

ma fé de ofício. Nós sabíamos que ninguém melhor do que ele se desempenharia da grandiosa tarefa. Sabíamos que de nós era ele o mais indicado para essa grave e importantíssima missão. Nos dias e meses que se seguiram tivemos a mais completa confirmação de nossas suposições. Desde logo, aqui mesmo no Rio, começou ele a faina infatigável. Embarcando, a bordo, enquanto demandava as terras distantes e leertas da Itália, prosseguiram os seus esforços. E em campanha são do conhecimento de todos os seus feitos magníficos, a esplêndida maneira por que honrou o evangelho de Jesus Cristo. Quem senão ele teria esse cuidado, esse carinho especial com que tratar soldados feridos ou desencorajados ou apreensivos? Quem senão ele teria essa excepcional capacidade de organização e de trabalho que lhe permitiu desde os primeiros dias de entrada em suas funções dar uma organização magnífica aos serviços de assistência religiosa aos soldados crentes, organização que iria apresentar provas de sua eficiência quando chegaram os dias de luta? Quem senão ele teria o espírito de renúncia, de abnegação, de que deu provas durante todos os dias de sua investidura? Quem senão ele, meus senhores e meus irmãos, seria capaz daquele gesto heroico de ir em terrenos ainda minados e ainda sujeitos ao fogo do inimigo, recolher os corpos dos 46 valentes brasileiros tombados no cumprimento do dever?

Sobretudo esse episódio exalta a nossa imaginação e impressiona a nossa admiração. Como que o revemos, o inélio soldado da paz, sem armas na mão mas com uma prece poderosa nos lábios, seguindo destemerosamente à frente de um pelotão de sepultamento, pelas abas do Monte Castelo, por entre minas que se escondiam traçoeiras, a examinar e a identificar cadáver após cadáver. Revelemo-lo nessa missão piedosa recolhendo esses 46 corpos caros à pátria, entre os quais estava o grupo dos 17 de Abetaia, grupo épico que se figura nas páginas de nossa história num friso heroico, a par dos bravos de Antônio João e dos heróis da Laguna.

Por esse tempo publicaram os nossos jornais e revistas uma fotografia em que se via o nosso capelão curvado junto ao cadáver de um soldado ao qual fora ligada pelo inimigo solerte uma perigosa mina. A publicação da fotografia que evidenciava o heroísmo do nosso homenageado de hoje encheu-nos a todos, naturalmente, de maior comtemplativo júbilo, mas houve muitos que involuntariamente estremeceram ante a possibilidade ali evidente de que o engenho mortífero que ele descobrira tivesse cumprido sua sinistra missão, ceifando aquela vida preciosa e heroica.

E fato interessante: aquela fotografia de jornal em que nem se distinguiam as feições de nosso capelão foi religiosamente recortada e guardada como preciosa lembrança por dezenas de pessoas, como quem guarda o retrato de um ente querido e distante. Foi uma das maneiras por que nosso povo evidenciou seu interesse e seu afeto por aquele que tão bem e tão nobremente o representava no teatro da luta.

Como todo o nosso povo, nós os pastores batistas, acompanhámos com o nosso

UMA GRANDE OPORTUNIDADE

Por alguns anos a Junta de Escolas Dominicanais e Mocidade vem patrocinando um programa de itinerância durante as férias de dezembro — março. Durante êstes meses seminaristas e pre-seminaristas vão para os vários campos com o fim de promover institutos e Escolas Populares e para vender Bíblias e livros. Nas férias que terminaram em março dêste ano trêze moços fizeram o trabalho em sete campos diferentes, trabalharam em 100 igrejas, promoveram 96 institutos em que 1.154 pessoas foram aprovadas, com média de assistência de 3.737, promoveram 40 Escolas Populares, e venderam 3.950 livros e Bíblias.

A Junta Cooperadora, na sua última reunião, resolveu cooperar com êste programa de trabalho, e apresenta, portanto, o plano às igrejas. A Comissão de Publicações, Escola Dominicana, e Escola Popular Batista da Junta Cooperadora dirigirá o trabalho em nosso campo. As igrejas que quiserem cooperar no plano devem procurar informações desta comissão.

Em geral o plano é o seguinte:

1. A Junta de Escolas Dominicanais e Mocidade enviará obreiros às igrejas durante os meses de novembro, dezembro, janeiro e fevereiro para promover Escolas Populares, Institutos do Curso da Escola Dominicana e do Curso da Mocidade, e vender Bíblias e livros.

2. A responsabilidade financeira da igreja será a de pagar Cr\$ 50,00 para o salário do itinerante durante a semana. A Junta de Escolas Dominicanais e Mocidade também pagará Cr\$ 50,00. Além disto as igrejas devem cuidar das despesas de condução.

3. As igrejas fornecerão a hospedagem para os obreiros.

4. O trabalho começará sempre no domingo para terminar na sexta-feira.

Temos uma grande oportunidade de ter obreiros treinados, preparados, prontos a fazer êste trabalho em nosso meio. Queremos pedir, então, que as igrejas que queiram cooperar com a Junta Cooperadora e a Junta de Escolas Dominicanais e Mocidade neste sentido se comuniquem com a Junta Cooperadora, sugerindo a semana mais propícia para o trabalho. Se houver qualquer pergunta ou dúvida sobre o plano poderá também escrever pedindo esclarecimentos.

pensamento e as nossas orações o nosso capelão. Estavam com ele nosso pensamento e nossas orações na madrugada fria e enfarruscada em que ele embarcou para as terras onde se lutava; estavam com ele enquanto singrava as águas verdes e encrespadas do Atlântico onde ainda se ocultavam traçoeiros os submarinos inimigos; estavam com ele naquela manhã radiosa e linda em que penetrou na bela baía de Nápoles; estavam com ele nas horas de provação e de sacrifício; estavam com ele nos instantes de perigo e de angústia. Era de ver a quietação que nos devorava quando escasseavam as notícias; todo o nosso povo freou quando correu a nova, felizmente falsa, de que ele havia sido ferido. E no dia em que ele chegou de volta à pátria quase posso garantir que não houve lar batista em que não se levantasse uma fervorosa oração de ação de graças a Deus.

(Continua na pág. 3)